

Curriculum

Iole de Freitas nasceu em Belo Horizonte em 1945. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1951. A partir de 1970 vive e trabalha por oito anos em Milão, quando participa de diversas exposições de âmbito internacional em Museus da Itália, Alemanha, França e Suíça. Em 1975 representa a Itália na Bienal de Paris e em 1978 participa da Bienal de Veneza no evento "Arte e Cinema". É artista convidada da Bienal de São Paulo de 1981. Recebe a Bolsa CAPES-Fulbright para curso no Museu de Arte Moderna de N.York em 1986. Foi diretora do Instituto Nacional de Artes Plásticas da Funarte de 1987 a 1989. Recebe a Bolsa Vitae de Artes em 1991, expondo os trabalhos realizados em individual no Paço Imperial. É convidada como artista residente pela Winnipeg Art Gallery para a realização da obra a ser exposta na mostra "Cartographies: 14 Latin American Artists".

Nos últimos anos participou, entre outras exposições, da "Bienal do Século XX" - Fundação Bienal de São Paulo em 1994, de "Cartographies - 14 Latin American Artists" que percorreu importantes museus do Canadá, EUA, Venezuela, Colômbia e Espanha no período de 1993 a 1995, e realizou individuais no Paço Imperial e no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Atualmente, leciona no Curso de Aprofundamento de Escultura do Parque Lage e é membro do Conselho Consultivo do Paço Imperial do Rio de Janeiro e da Comissão de Seleção de Bolsas da CAPES.

Em 1995, participa do Projeto Atelier FINEP - Paço Imperial quando desenvolve uma estrutura espacial semelhante a dos Aramões dos anos 80 onde um circuito constituído de fios metálicos e tubos de plástico era compulsivamente construído. No Paço, este sistema dos anos 80 se expande no espaço dos armazéns, ocupando uma área de 50 m² tendo um só ponto de fixação nas vigas existentes no teto. Ativando o resto do espaço, foram instalados volumes de telas metálicas da obra Teto do Chão, que espalhando-se pela parede e pelo chão têm nas ardósias os elementos de fixação da obra no solo. Esta relação estabelecida entre o circuito dos Aramões e os volumes vazados é retomada nos trabalhos instalados no Projeto Utopia 2 - Casa das Rosas (São Paulo, setembro/outubro 1996). Intitulado Corpo sem Órgãos - C.s.O, uma referência às questões trazidas por Deleuze no ensaio de mesmo nome, esta instalação organiza no espaço um campo visual onde

a discussão entre superfície – o dentro e o fora – e a idéia de um continuum se articula com a presença já antiga no trabalho da imantação do espaço por correntes energéticas nele instaladas pelos circuitos de fios e tubos. Interioridade e exterioridade que nos anos 70 eram trabalhadas pela organização plástica vigorosa das imagens fotográficas e seus textos, hoje se apresentam considerando-os não só aspectos do sujeito - da individualidade – mas condições de estabelecimento de uma ^lauteridade onde a obra pela sua própria realidade plástica permite ao sujeito estabelecer uma relação com o outro – com o mundo – pela areação ou pelo entrosamento entre espaço interno pertinente a obra espaço do mundo estabelecido pelo projeto arquitetônico do lugar onde a obra se instala. (Para melhor entendimento destas questões, consultar o catálogo Iole de Freitas, 1994).

" Surjem então os Aramões, tramas cerradas de fios tubos, serra, pano. Aquela fragmentação que aparecia nas fotografias adquirem um aspecto novo mais denso e significativo. Em seu percurso os arames querem criar uma auteridade, tentam produzir uma trama que permita vislumbrar um outro lado com o qual se relacionar. E de fato à primeira vista eles têm uma aparência arejada, como se incorporassem serenamente o espaço a sua volta. No entanto, diante das obra a percepção é magnetizada por estes emaranhados dificilmente conseguindo relacionálos ao espaço que circula a seu redor. Tortuosos, contraídos, os fio despertam a atenção mais para sua materialidade irresolvida do que para os campos criados por sua evolução. E a combinação de materiais e objetos diversos – com toda uma simbologia ligada ao corte e a dor – contribui para o travamento daquela trajetória, fortalecendo sua corporeidade em detrimento de sua atuação na determinação de uma espacialidade. "

O que o Aramão do Paço (1996) busca é exatamente a ^{conquista} ampliação desta espacialidade não artavés da mera ampliação da escala mas ^{a escrita dos fios e tubos determinando} de como os fios se inscrevem no espaço e se relacionam com os volumes de tela e seus espaços internos que ^{ndo} passam a ser encorporados ^{los} à obra. Isto vem ocorrer de maneira mais integrada e por isso mais fluída, mais etérea, mais imaterial na instalação Corpo sem Orgãos durante a exposição Utopia – Casa das Rosas.

Esta presença de uma espacialidade conquistada e vigorosa surge na obra Escrito na Água realizada na exposição Transparências, Bienal Rio, MAM outubro/1996. Percursos realizados com telas duras de metal desenham volumes no espaço.

Soltos sem dependerem da parede como ponto de fixação, incorporam em sua estrutura o plano antes existente na parede e ora incorporados ou assimilados por estas formas. O espaço circundante ativado pela presença das estruturas é como que trazido para dentro da própria obra num sistema de apropriação do espaço externo nunca ocorrido até então num trabalho. A antiga dicotomia interioridade – exterioridade parece ter encontrado um novo caminho mais solidário para se estabelecer. Como pórticos, as colunas de onde se originam as formas ondulantes que concretizam na sua transparência a obra seriam os marcos do instante em que o espaço interno e externo se congregam criando canais contínuos entre o interior e o exterior. Como passagens demitem não só a movimentação do espectador que entra e sai do espaço da obra mas estabelecem e determinam um circuito amplo e arejado que revela um momento novo sempre buscado em todo o percurso da obra. A relação com a arquitetura mostra-se diferente do que ocorria até então: Não há mais a tenção constante pela tentativa de estabelecer uma relação produtiva entre a obra e o espaço arquitetônico como ocorria com as obras ditas "barrocas" de 91, 92 e 93 (Capela do Morumbi e escadaria do Paço Imperial). No trabalho de transparências a arquitetura é incorporada à própria obra que se tornam paredes transparentes solidárias com o espaço em torno por assumirem claramente ^{OR} para si uma instância arquitetônica. São elas mesmas paredes, colunas diluídas numa imaterialidade e numa presença imanente da idéia de paisagem onde contornos suaves mas determinados definem a estrutura final do trabalho, por isso o nome de Ondulantes dado a estas obras.

Onde se situa então a vontade de firmeza, paradoxal a idéia de volatilidade existente em todas as obras anteriores? Talvez nas pedras volumosas, pesadas opacas: Pontos de fixação do olhar que seguram as ondulações marcando o ritmo próprio desta quase paisagem onde homem e natureza buscam um instante de solidariedade. Opacas? Sim, para liberar a imaterialidade que ^{? pela} na sua transparência imperam na organização plástica desta obra. Densas? Sim, mas mantendo na estrutura minerológica da maior parte das pedras usadas aquela que reitera e repete o sistema de acumulação das camadas como afirmação da superfície indicadora da escolha das ardósias como matéria das esculturas anteriores. Cores? Tons? Texturas? Vestígios de um resto da pintura que insistentemente desde o início do processo criativo se manifestam em cada ato plástico constituinte da obra.

emerge na obra como registro de uma percepção fujidia da origem do interesse que luz e transparência impregnaram a obra

da ação da luz e cor no espaço

transparentes, semi-opacas contendo em sí o nome que dá origem a obra fragmentos de quartzos se organizam no espaço expandindo sua materialidade com pelos emaranhados de fios e tubos. Meio arauões, meio pedras, corpo com órgãos, estes trabalhos contendo neles o nome que os significa , expostos na galeria Raquel Arnaud em outubro/1996, retomam a idéia do nome inserido na obra como ocorria nas sequencias fotográficas dos anos 70. Escrito na Água, Nome Líquido. Fragmentos de transparências materializadas pela palavra.

instituto de arte contemporânea